



Acesso Cultura • AJA • Associação José Afonso • Alcântara TV • Aldeias de Crianças SOS • Alvaro Domingues - Paisagens Transgênicas • Amnistia Internacional Portugal • Ana Calçada • Ana Carvalho - Mulher Plural • Ana Sara Daniel - Poema Instante • Bruno Gaspar - Impressões Íntimas de Viagem • CAM - Fundação Calouste Gulbenkian • Carlos Ventura - Ciclo Cidadãs/ãos e Cidadania • Centro de Arqueologia de Lisboa • Circular Economy Club Lisbon • Comércio de Alcântara • Cristina Fiaño - Urdima - Acción Cultural • CUSCA - Cultura & Comunidade • EPI - Changing Landscapes • Estação de Letras • Faculdade de Motricidade Humana • Fair Saturday • Filhos de Lumière • Gabriela Machado - Suplício - Cato - Escaldado • Graça Santos - Se Eu Fosse • Horta do Mundo Permacultura • ICS - Instituto de Ciências Sociais • Joana Pereira - INC • João Pico - Comprimido • Jorge Ayan Vila - FCSH-UNL • José Santana Pereira - ISCTE • Junta de Freguesia de Alcântara • Lúcia Mucznik - Língua e Literatura Hebraica • Lucinda Loureiro - Ah! Não conhecia! • Mariana Pacheco - Yoga • Open House • Trienal de Arquitetura • Plano Nacional de Leitura • Rastilho Associação Cultural • Real Pelágio • Rede para o Decrescimento • Ricardo Jorge - Desenho à Janela • Seara Nova • Sentidos Ilimitados • Temporada Portugal-França 2022 • Teresa Azevedo - Ciclo Horizontes da Ciência • Tiago Bettencourt - Viajante Invisível • Toastmasters • Toyno • UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta • Vanda Lopes Palma - Mais que Marias • Vo'Art • Zero em Comportamento • Zero Waste Lab • Zona Limítrofe





Navegar

A equipa da Biblioteca de Alcântara

Iniciámos esta viagem no dia 5 de Outubro de 2020. Trazíamos na bagagem muitos sonhos, os nossos e os das muitas pessoas com que nos cruzámos antes de largarmos a âncora. Trazíamos a memória desta rua onde ‘o pintor morreu’ e a promessa de não esquecer todos os que lutaram e lutam pela liberdade, pela democracia, por uma sociedade mais justa, mais igual e fraterna. Partimos nesse dia a saber que ‘navegar é (sempre) preciso’... Que em tempos de incerteza, de mudança, de inquietação A biblioteca pode ser a casa, o chão Mas tem de ser também o golpe de asa, o lugar do risco, do rasgo, da imaginação.

Por isso, navegámos... Ousámos caminhos novos, desafiámos as margens, errámos porque nos atrevemos a navegar...

Atracámos nos portos que nos abrem horizontes para lermos o mundo: as ciências, a cultura, as artes.

Com a poesia, subimos aos faróis que nos iluminam o caminho (também da alma), rompem em nós o hábito e nos fazem pensar de outro modo. Abrimos espaços de silêncio aos que estudam e espaços de criação aos que imaginam novos mundos.

Abrimos espaços de liberdade para brincar, para contar histórias, para fazer de conta, para pensar e imaginar.

Tirámos muitos livros das prateleiras porque quisemos destacar temas que importam a todos os navegantes.

Navegar é preciso porque precisamos, mais do que nunca, de reinventar os espaços culturais e a forma como os habitamos.

Somos hoje muitos mais do que há 1 ano atrás.

Companheiros de viagem e de sonhos.

Trazemos connosco alguns mapas e a vontade de construir outros.

Navegamos junt@s
Porque sonhamos junt@s
E pensamos junt@s
A Biblioteca de Alcântara

Ficha técnica:



OUT 2022

Design: Luís Gregório

Impressão: Desisto

Tiragem: 500 exemplares

Edição: Câmara Municipal de Lisboa

Direção Municipal de Cultura

Divisão da Rede de Bibliotecas

Depósito legal: 505098/22

48

anos de ditadura e 48 de democracia

Margarida Calafate Ribeiro
e Graça Santos

"48 anos de democracia após 48 anos de ditadura: temporalidades portuguesas ao espelho" foi o expressivo título do colóquio internacional realizado em Paris, na Universidade de Paris-Nanterre e Casa de Portugal, na Cidade Universitária de Paris, e em Lisboa, na Biblioteca Municipal de Alcântara, no âmbito da Temporada Cruzada Portugal-França entre abril e maio.

48 anos de ditadura e 48 de democracia foram analisados por académicos, escritores e artistas de forma interdisciplinar ao longo de vários dias em conferências, mesas redondas e debates. Memória e ditadura, memória e colonialismo, memória e emigração, artes visuais, teatro, literatura, cinema e banda desenhada estiveram em debate e foram realizados lançamentos de livros e o visionamento do filme 48 de Susana Sousa Dias, seguido de debate com o público.

A organização internacional esteve a cargo do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le Monde Lusophone (CRILUS – Université Paris Nanterre), Cátedra Lindley Cintra, Camões, I. P.(Université Paris Nanterre) e do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, através do projeto, MAPS Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial, Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT – PTDC/LL-TOUT/7036/2020).



3

A Biblioteca de Alcântara abriu portas ao IHC da Universidade Nova de Lisboa

João Madeira,
Investigador do IHC, FCSH-NOVA

Foi com franqueza e generosidade que em novembro de 2021, a Biblioteca de Alcântara abriu as suas portas ao Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa para a realização de um Colóquio científico sobre o centenário do Partido Comunista Português. Não queríamos encerrá-lo dentro das paredes da Universidade, queríamos abri-lo a quem quisesse assistir, devolvendo à comunidade o trabalho de investigadores da mais diversa formação académica – historiadores, antropólogos, sociólogos, também matemáticos e engenheiros agrónomos.

No bairro de Alcântara, mesmo em frente da biblioteca, 60 anos antes, tinha sido assassinado pela PIDE, a polícia política do Estado Novo, José Dias Coelho, artista plástico, funcionário clandestino do PCP, a quem José Afonso dedicaria uma canção pungente. Sim, a Biblioteca, acolhedora, esbelta, era o local certo para o nosso Colóquio, que superou as nossas expectativas.

As condições logísticas postas ao nosso dispor foram fantásticas. Foi uma experiência frutuosa. A repetir. Assim sendo, projetamos para novembro de 2023, a realização de um novo Colóquio, sobre Música e Política, desta vez uma parceria do IHC com o INET, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Música e Dança e o CESEM, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, ambos também da FCSH-NOVA.

Gostamos da Biblioteca de Alcântara, é redundante dizê-lo, eu sei, por isso fazemos votos para que esta interação seja duradoura e fecunda.

exposições

“Paisagens Transgênicas” de Álvaro Domingues

O livro e a exposição Paisagens Transgênicas de Álvaro Domingues, na Biblioteca de Alcântara de 12 de julho a 16 de setembro de 2022, interroga o sentido da paisagem enquanto código de reconhecimento do território, propondo a transferência do conceito biológico de organismo geneticamente modificado, expondo assim a natureza compósita dos elementos que compõem a paisagem, as suas diferentes origens, linhagens, o modo como se associam em corpos distintos, instáveis, cruzados. Deslocada da ordem "natural" das coisas, a paisagem transforma-se num dispositivo estético e político que interroga a mudança e também as inquietações de quem olha e atribui sentidos vários e dissonantes sobre o modo como vemos o mundo.

Consciente de que a paisagem nem sempre é percebida como uma construção social que diz respeito a todos e que faz parte dos territórios habituais de vivência, Álvaro Domingues propõe que se entenda a paisagem como a face visível da transformação do território e que se politize a paisagem como forma de construir laços de vida em conjunto num determinado âmbito geográfico.

A Biblioteca de Alcântara abriu o seu espaço a esta reflexão e, em parceria com o Museu da Paisagem, convidou a comunidade a participar em várias atividades e a questionar-se sobre os temas da paisagem.

Maria João Centeno e João Abreu
Museu da Paisagem



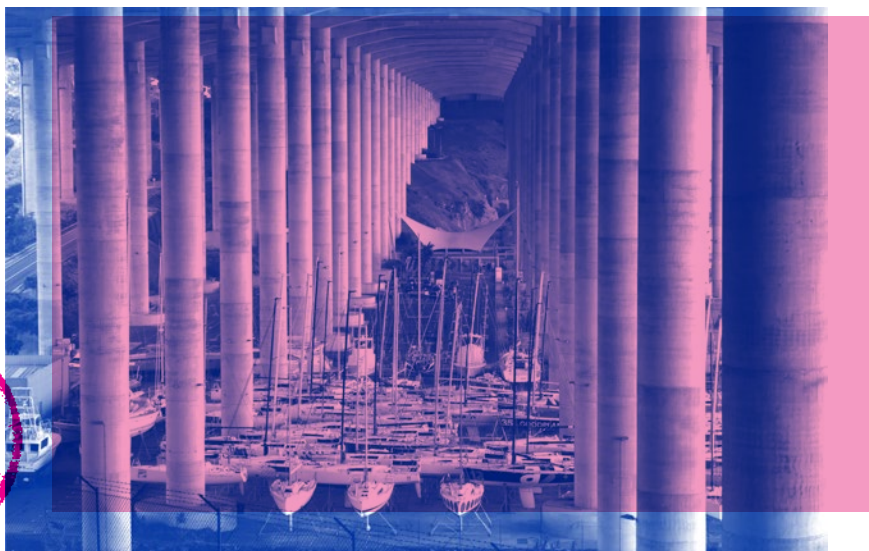
Viajante Invisível
- Tiago Bettencourt



Mais que Marias
- Vanda Lopes Palma



Paisagens Transgênicas-
- Álvaro Domingues



Paisagens Transgênicas-
- Álvaro Domingues

4

Seara Nova – 100 anos de Ação e Pensamento Crítico

A revista Seara Nova fez o arranque da sua exposição itinerante «Seara Nova – 100 anos de Ação e Pensamento Crítico» a 5 de outubro de 2021, dia em que se celebrou o 1º aniversário da Biblioteca de Alcântara e o 111º aniversário da Implantação da República.

A exposição que dá a conhecer a revista fundada em 15 de outubro de 1921 com o desígnio de elevar o país, ética e culturalmente, criando um espaço de reflexão que mobilizasse o melhor da intelectualidade portuguesa encontrou no espaço da Biblioteca de Alcântara o local ideal para mostrar o longo e por vezes conturbado percurso de resistência, pensamento crítico e ação que marcaram as páginas da revista e da vida do nosso país, dando a conhecer a história da fundação da revista, as motivações que levaram à sua criação, os fundadores, o espírito seareiro, os directores e colaboradores ao longo destes cem anos, a intervenção política, as polémicas que se travaram nas páginas da revista, a censura e o seu impacto, a memória gráfica, etc.

A exposição esteve patente ao público até 30 de outubro de 2021, tendo sido enriquecida pela exposição plástica «O lápis não rasga o papel», de Jorge dos Reis, por uma palestra sobre Irene Lisboa, tendo como oradora a Prof.^a Dr.^a Paula Morão, pela projeção do documentário «Há 100 anos, a Seara Nova», realizado por Diana Andringa e por duas visitas guiadas.

* os autores do texto escrevem segundo o antigo Acordo Ortográfico.

Seara Nova



SEARA NOVA
100 ANOS DE ACÇÃO
E PENSAMENTO CRÍTICO



Mulher Plural

Gostaria de falar aqui da minha experiência com a exposição "Mulher Plural" que tive a honra e o prazer de levar à Biblioteca, tão recetiva à prestigiada Temporada Cruzada França-Portugal. Graças a esta oportunidade, pude realizar no belo espaço da galeria um tema que tinha em mente pela sua importância e que se transformou assim em projeto. Depois foi só fazer a seleção a partir das fotografias do meu arquivo e procurar combiná-las de modo a criar um todo e traduzir uma ideia antiga de destacar o papel da mulher na sociedade, em toda a sua diversidade, procurando tirá-la do anonimato e do espartilho de um certo modelo que criaram para ela. Nesta empresa tive a preciosa ajuda da curadora Ana Maria Calçada, sempre presente desde essa fase até à montagem, e que contribuiu para a folha de sala com um texto muito elucidativo.

O meu obrigado também à equipa da Biblioteca, que desde logo se entusiasmou com o meu projeto e me apoiou desde o início, tratando da sua divulgação e de associá-lo a outros eventos dentro do tema da mulher. Quando chegou o momento da montagem, formou-se uma verdadeira equipa, essencial na parte mais técnica e que muito me ajudou com a sua criatividade. Senti-me sempre muito bem acompanhada por gente simpática e disponível.

Ana Carvalho



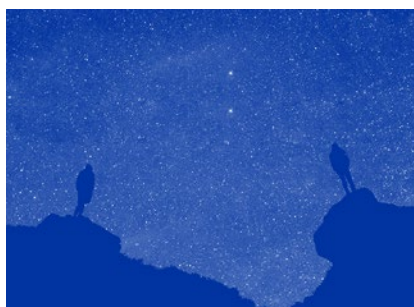
A aconte- cer



Ciclo "Crescer até Rebentar," em parceria com a Rede para o Desenvolvimento



Ciclo "Cidadãos e Cidadania" coordenado por Carlos Ventura



Ciclo "Horizontes da Ciência" coordenado por Teresa Azevedo



Ciclo "Violências" em parceria com a UMAR



Ciclo "Passado, Presente e Futuro dos Partidos Políticos em Portugal" coordenado por José Santana Pereira



6

© António Busca



Espectáculo "HUMUS" promovido pela Sentidos Ilimitados.



13ª Edição do Festival InShadow na Biblioteca de Alcântara dinamizado pela Vo_Art



Evento "PONTE.20" sobre Arte e Sustentabilidade dinamizado pelo Rastilho

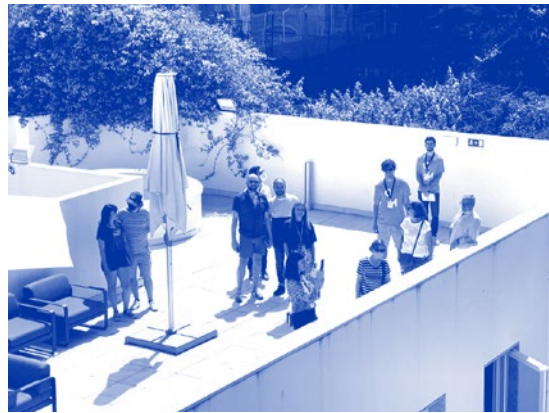
Biblioteca de Alcântara em números*:

- 25.580 empréstimos de livros
- 706 atividades, nas quais participaram 14.115 pessoas
- 1.186 novos cartões de leitor/a

* De dia 5 de outubro de 2020 até agosto de 2022.



Visita de grupo de crianças
à Horta da Biblioteca



Open House da Trienal de Arquitetura
que contou com a Biblioteca de
Alcântara nesta edição
A Rebelião do Invisível



Apresentação do projeto de música
e contos infantis Bicho de 7 Cabeças



Exibição de filmes
da Zero em Comportamento



Clube de Leitura_Falar Circular
em parceria com o CEC Lisboa



Ciclo Vãos Voltar à Escola Ferreira
Borges no âmbito do Projeto
Vidas e Memórias de Alcântara



Instalação audiovisual de poemas
de João Damasceno no âmbito do Festival 5L



O 25 de Abril em Alcântara - Sessão
Especial no âmbito do Projeto Vidas
e Memórias



Biblioteca de Alcântara: uma casa de porta aberta

Há um livro pequenino intitulado *Uma biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente*, de Mafalda Milhões (existe também no Catálogo da Rede BLX) e este parece-me também uma excelente alcunha para a Biblioteca Municipal de Alcântara. Ao longo do último ano, a Amnistia Internacional Portugal encontrou na Biblioteca de Alcântara uma casa de porta aberta e um parceiro de confiança na nossa missão de construir um mundo onde todas as pessoas possam usufruir dos seus direitos.

Os direitos humanos não são só uma questão para políticos e diplomatas, dizem respeito a todos nós, à forma como vivemos em sociedade e ao nosso papel, enquanto cidadãos, numa sociedade democrática, chamando os Estados às suas responsabilidades e contribuindo nós próprios para uma sociedade mais justa e igualitária. Da mesma forma, a educação para os direitos humanos não acontece só na escola e as instituições de base local, como uma biblioteca, têm um papel fundamental na sua promoção junto de todas as pessoas. Com esta responsabilidade partilhada como ponto de partida, levámos à biblioteca a Maratona de Cartas, as sessões de formação da Academia Amnistia e outros encontros de planeamento e avaliação.

Cruzámo-nos com uma equipa entusiasta, atenta ao detalhe e, sobretudo, à comunidade onde trabalha. Bem-haja e haja mais bibliotecas assim, todos ficamos a ganhar e, com isto, ganham também os direitos humanos. Obrigado!

Um projeto de leituras que nasce de uma inquietação

Desde a primeira reunião com a direção da Biblioteca de Alcântara, senti isto: "As bibliotecas são espaços neutros e amigáveis, nas quais a regra é não julgar. São espaços onde as pessoas se sentem disponíveis para serem chamadas a envolver-se, para sentirem a sua curiosidade estimulada, para dar liberdade à sua vontade de saber mais, para ganhar novas perspetivas e desenvolver o seu espírito crítico." Sem o apoio desta equipa não teria conseguido dar continuidade ao meu projeto de leituras de autoria feminina que nasce de uma inquietação. Ao longo da história não foi dado o valor, mais do

que merecido, às mulheres, quer na área cultural quer noutras áreas profissionais. Cabe-nos a nós o resgate do passado, a divulgação de novas autorias e a tentativa de entusiasmar o público para a leitura. Foi com este espírito que nasceu, "Ah! Não Conhecia".

Obrigada, é com todo o orgulho que estamos no aniversário desta belíssima biblioteca, com a leitura de cinco poetisas contemporâneas. Cinco, como os cinco dedos da mão, como a mão que aprende as cinco primeiras letras e anos mais tarde escreve um livro.

Yoga na Biblioteca

Apoiar, Acreditar e Crescer

São as três palavras que melhor definem este projeto que está quase a completar um ano.

Foi em outubro de 2021 que esta parceria ganhou forma. Uma professora a querer partilhar o seu bebé (projeto) e a Biblioteca de Alcântara a servir de berço para a materialização daquilo que antes era apenas uma ideia: levar a prática de Yoga a todas as pessoas, não diferenciando estatutos, nem posses ou condições financeiras.

Aqui nasceu o Yoga para a Comunidade.

O crescimento foi, e está a ser muito bonito, como sempre refiro. Iniciámos apenas com um grupo e rapidamente surgiu outro e logo a seguir outro. E continuamos a crescer! A Biblioteca assume aqui um lugar de destaque em toda a Comunidade. Não só por toda a diversa programação cultural que oferece ao público mas também por esta abertura e confiança que transmite a outras áreas e atividades. Sem dúvida que, praticar Yoga num espaço como este, não é algo usual, mas isso também revela outra questão muito importante: a de reunir e concentrar em si vários tipos de atividades, para que mais pessoas sintam curiosidade e vontade em visitá-la e assim tornar o espaço polivalente e também mais aproximado da Comunidade.

Poder partilhar o meu projeto na Biblioteca tem sido uma oportunidade espetacular, tendo-se formado um grupo de alunos muito coeso e dedicado que tem vindo a crescer. É notória a sua evolução e o seu gosto em vir praticar! As aulas irão expandir e crescer e isso não seria possível sem o apoio, a confiança e o acreditar de toda a equipa da Biblioteca de Alcântara.



Para uma ideia de futuro

Celebrar o aniversário de uma Biblioteca que abriu portas – e que permanece – quando tudo fechava é, em si mesmo, futuro.

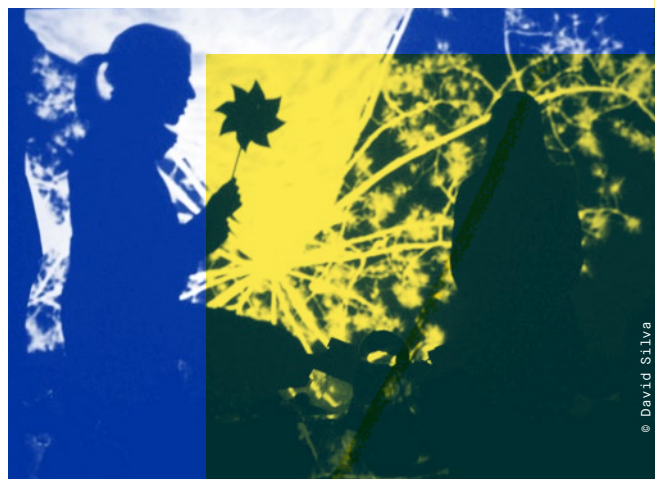
Crescemos juntas: a Cusca com a Biblioteca que nos permitiu encontrar um lugar onde chamar casa.

Nestes dois anos suspendemos demasiadas vezes o sonho: encher esta casa de palavras ditas e de música. Temo-lo feito ainda assim como ato de resistência: o Sub-Coro (o Coro Infantil da Biblioteca de Alcântara) que todos os sábados reúne um grupo de crianças com o Pedro Branco a orientá-las para se contarem histórias e construir canções originais em conjunto e o Poemar – um ciclo de poesia e música que acontece amiúde em noites especiais, com direção artística de Catarina Aidos. Não nos basta. Uma casa é um lugar para habitar. E agora que contamos juntos mais um ano é hora de tornar possíveis os até aqui impossíveis sonhos maiores – contribuir ativa e efetivamente para uma democratização do acesso à cultura através das práticas artísticas participadas.

Mais poesia. Mais música.

A Biblioteca de Alcântara é um lugar de flores e de afeto. De coragem e de re-ligação. De crença. No meio dos livros e das pessoas que a fazem (as pessoas, a maior relíquia desta casa): as palavras importam e as palavras, aqui, chegam carregadas de futuro.

© João Custódio



© David Silva

Dez anos depois, o Rastilho reacende-se na Biblioteca de Alcântara

Ana Nunes, Catarina Barros e David Silva

Rastilho é uma associação cultural, fundada em Lisboa, em 2001, com delegação na Biblioteca de Alcântara, estabelecendo aqui uma parceria efetiva e continuada. Somos uma equipa especializada que cruza áreas como as Artes Performativas, as Artes Plásticas, o Audiovisual e a Curadoria. Desenvolvemos projetos multidisciplinares que promovam a mudança e a transformação social, aliando a Cultura à Educação e à Ação Social.

Em 20 anos, apresentámos 15 produções com encenadores como Andrea Bertoni, Jorge Caetano e Sílvia Valentim e autores como Woody Allen, António Manuel Revez, Georges Romero, Abel Neves, Shakespeare, Tchekov e Armando Nascimento Rosa.

Em 2008, com Othello de Shakespeare, fomos distinguidos com o Prémio Público do FATAL, com reposição na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II e na Mostra de Teatro Internacional de Ourense.

Em 2016, estreámos I Am Because You Are, em coprodução com a Bacalao Performance Company, no Etcetera Theatre, no Camden Fringe e no Preview Edinburgh, em Londres.

Em junho de 2022, na Biblioteca de Alcântara, apresentámos Ponte.20, um evento de Arte, Moda e Sustentabilidade, com a curadoria de Vincenzo Publio Mongiardo e uma equipa de 50 profissionais, com quem celebrámos os 20 Anos do Rastilho e inaugurámos o mural Rio Tejo de Edis One.

Pretendemos apoiar artistas emergentes, procuramos novos associados, produtores executivos e parceiros, para desenvolvermos coproduções, residências artísticas, ações de formação e projetos de serviço educativo. Aceitam o nosso convite?



⑩
"PELO
SONHO
É QUE
VAMOS.
(...)
CHEGAMOS?
NÃO
CHEGAMOS?
PARTIMOS,
VAMOS.
SOMOS."

(Sebastião da Gama)



Biossincrasias

Promover o conhecimento de biografias de pessoas que marcaram a história da humanidade foi o mote que fez nascer a atividade Biossincrasias.

Neste "espaço biográfico", abre-se o interno ao externo e ambos reagem e interagem, criando um espaço para a reflexão e discussão sobre as biografias partilhadas. Através desta partilha pretende-se desencadear um papel ativo e/ou inspiracional na construção dos projetos de vida dos jovens.

José Dias Coelho, artista que dá o nome à rua onde se situa a Biblioteca, foi uma das biografias retratadas. Nesta viagem biográfica é possível criar uma identidade falsa, descodificar mensagens em código e desenhar um cartaz de protesto, e desta forma mergulhar na vida e obra do artista plástico José Dias Coelho.

Uma no Cravo e outra na Ferradura

Como foi viver em ditadura antes do 25 de Abril? E viver atualmente em democracia, como é? Afinal, o que são ditaduras e o que são democracias? Como é hoje o mundo e como podemos transformá-lo? Através de um jogo, dando uma no cravo e outra na ferradura, viajamos ao passado e olhamos para o futuro, refletindo em conjunto sobre uma sociedade mais humanizada e participativa.

Trabalhando em equipa, os jovens são incentivados a refletir sobre os conceitos de democracia, liberdade e justiça, sendo desafiados a fazer escolhas e a encontrar soluções para as propostas apresentadas, num espaço onde a reflexão se faz em torno do que é ser "livre" e de como poderemos melhorar o mundo, experimentando formas de democracia direta, participativa e representativa.



"As personagens vão a votos"

"As personagens vão a votos" nasceu da vontade de partilhar com crianças como a Política, enquanto sistema de gestão de recursos, espaço e pessoas pode revelar-se numa verdadeira obra de arte que compõe meticulosamente as diferentes necessidades e interesses de um conjunto de pessoas plurais, em prol do seu bem-estar e liberdade. Mostrar como funciona uma democracia, de forma fabulada, a crianças dos 6 aos 11 anos, através de um livro que resulta de um exercício participativo construído por quem a ele se destina, impulsiona e inspira esta aproximação. Nesta atividade-jogo as crianças têm a possibilidade de vivenciar um processo eleitoral, decidir em quem votar e ter espaço de expressão.



Biblioteca e escolas: reiventando a aventura de aprender, imaginar, experimentar e crescer



A articulação com os estabelecimentos de ensino revela-se desde então fundamental, numa lógica de governança integrada em que as intervenções se complementam. Estabelece-se assim uma relação dialética entre educação formal e não formal, entre aluno e facilitador, em que ambos se predispõem a relacionar, a despertar e a partilhar o seu saber. As hierarquias são variáveis e o conhecimento flui. Os livros que nos rodeiam facilitam, inspiram e falam com cada um de nós.

Num tempo em que a informação corre rápido mas o tempo e o panorama pandémico insiste em estagnar as relações presenciais, educar revela-se mais do que nunca, um desafio. É neste contexto que é aberta uma biblioteca pública e se cria um novo espaço narrativo. Uma casa de histórias que desde logo sabe que nada constrói sem as pessoas e sem as organizações que com ela têm a missão e função de disponibilizar conhecimento e aprendizagens. Em 2020 inicia-se assim uma relação com as escolas, ora presencial ora à distância, mas com a fluidez necessária para se construir uma ligação e uma intenção. Proporcionar experiências, aprendizagens e complementaridades.

Tem sido rico o caminho criado com o Agrupamento de Escolas Francisco Arruda com o qual temos trabalhado desde o pré-escolar até ao 9º ano, com o Colégio Ave Maria que igualmente trouxe todas as turmas desde o pré-escolar ao 9º ano, com o Agrupamento de Escolas Marquesa de Alorna com os 9º anos, com a Creche Infantil de Santo Amaro e com o Centro de Acolhimento Infantil Victor Manoel. A diversidade de pessoas e de abordagens pedagógicas que habitam este ecossistema e nele interagem, inspira, desafia e oferece janelas de pensamento, criação e experimentação. Obrigada pelos pensamentos, pelas palavras, pelos sorrisos, pela proximidade e afeto que despertam, desafiavam, transformam pessoal e coletivamente para novos caminhos conjuntos.



Participa! *Constrói a tua biblioteca*

Em outubro de 2021 a primeira fanzine da Biblioteca de Alcântara lançou um desafio aos jovens: participar ativamente na construção da biblioteca. Esta chamada à participação chegou a 115 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos que partilharam qual a sua ideia de biblioteca, como a imaginam, o que os faz ir a uma biblioteca e o que poderíamos ter e/ou fazer para que usufruíssem mais deste espaço de cultura.





David Silva - Diretor Artístico do Rastilho

Teatro Comunitário: o lugar do silêncio e do invisível

Depois de resgatarmos novamente a liberdade, torna-se urgente criar um lugar de encontro e de troca de experiências. Nestes últimos dois anos, há uma infinidade de pequeninas coisas que ficaram por observar, por escutar e por dizer.

Fazer Teatro hoje é um ato de escuta e de procura do lugar de cada um, num presente transformado, em que sair de casa e partilhar um espaço já é um ato de coragem.

O Teatro também é um exercício de reflexão, de encontro e de mudança, porque permite a criação de um outro lugar: o lugar do silêncio e do invisível.

Fazer Teatro apenas por gosto é começar a trilhar um caminho sozinho, mas terminá-lo acompanhado, em que um grupo de indivíduos passa a ser um coletivo, ao mesmo tempo que cada um aprende a cuidar de si e do outro.

Promove o espírito crítico, o desenvolvimento da criatividade e da aceitação do erro como uma aprendizagem, num ambiente informal, de responsabilidade, de vigília, de cooperação e de entreajuda.

É o lugar da utopia, onde podemos ousar superarmo-nos, mesmo que falhemos. Um salto no escuro, mas iluminado porque estaremos de mãos dadas. É uma oportunidade renovada de sermos a melhor versão de nós mesmos. E, com isso, transformarmos o mundo.

E porque as mudanças só acontecem com ações, a Biblioteca de Alcântara terá um Grupo de Teatro Comunitário, dinamizado pelo Rastilho. Por isso, convidamos todas as pessoas que gostem de Teatro para participarem neste projeto. Saltamos juntos?

Entre Olhares – da Gulbenkian a Alcântara, uma ponte de encontros

Não é muito habitual termos a oportunidade de selecionar obras de arte de uma coleção de referência e imaginarmos com elas uma exposição que possa contar outras histórias através dos nossos olhares. Mas é justamente isso que o projeto Entre Olhares: Como se faz uma exposição?, uma parceria entre o Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian e a Biblioteca de Alcântara, nos incentiva a fazer, criando todas as condições para que de junho de 2022 a março de 2023, um grupo de 24 pessoas muito diferentes em idades, vidas e experiências, com a orientação da artista Susana Anágua, se tornem temporariamente num coletivo de curadores, conheçam as obras e artistas da coleção do CAM e com elas façam acontecer uma exposição na galeria da Biblioteca de Alcântara.

Um dos grandes objetivos do CAM é fomentar o encontro das pessoas com o poder transformador da arte, quer a partir das obras da sua coleção e dos artistas que representa, quer a partir de uma diversa programação de exposições. No entanto, com o edifício fechado para grandes obras de remodelação, o CAM tem vindo a desenvolver toda uma programação (CAM em Movimento) para levar a arte para além dos muros da Fundação. Foi neste âmbito que lançamos o desafio à Biblioteca de Alcântara – um espaço que assume plenamente a missão de “participar na construção de comunidades coesas, inclusivas e preparadas para os desafios do século XXI, fomentando a aprendizagem ao longo da vida”, nomeadamente através de programas de desenvolvimento da sensibilidade artística.

Entre Olhares expande a relação das pessoas com a arte, num modelo colaborativo e participativo de trabalho, ampliando os territórios de abrangência de ambas as instituições, chegando a novas comunidades e reforçando relações de proximidade e convivência cultural.

É assim uma grande satisfação integrar a já tão rica programação da Biblioteca de Alcântara e fazer a coleção do CAM habitar outras geografias, contar novas histórias e desenhar espaços que possam ser “pontes” de encontros.

Susana Gomes da Silva
Responsável Educação CAM
e Projeto Entre Olhares

